

Caesb não tem solução

Segundo empresa, atraso de verbas para

FOTOS: GIVALDO BARBOSA

CORREIO BRAZILIENSE *Brasília, segunda-feira, 29 de agosto de 1988*

11

UF - Jogo rápida para o Paranoá

realizar obras é culpado pela poluição crescente

A Caesb não dispõe de qualquer alternativa, a curto ou médio prazo, para solucionar o problema da poluição no Lago Paranoá, contaminado diariamente por 10 milhões de litros de esgotos *in natura*. Quem admite é o próprio diretor de Operações da empresa, engenheiro Antonio de Pádua, ao comentar reportagem publicada na edição de ontem do **CORREIO BRAZILIENSE**. Segundo ele, o impasse surgiu porque o GDF atrasou a execução de obras considerada prioritárias, como a ampliação das estações de tratamento, que deveriam estar concluídas há pelo menos oito anos.

— Se essas obras não forem feitas agora, o Lago morre e a população terá que se mudar de Brasília — advertiu o técnico.

Ele observou que a situação poderá ser corrigida somente quando a Caesb completar as obras de ampliação das estações de tratamento de esgotos Norte e Sul, e que são apenas parte de um projeto de despoluição mais amplo elaborado pela empresa. O custo total, definido em US\$ 120 milhões, deveria ser dividido igualmente entre recursos por empréstimo do Banco Mundial e a destinação de verbas do Governo brasileiro, via Caixa Econômica Federal.

O que aconteceu, explica Pádua, é que apenas a primeira parcela dos recursos foi liberada para a execução dos serviços de terraplanagem nas estações. Mas, como a CEF já atrasou em

três meses a cessão de sua contrapartida no projeto, o Banco Mundial não repassou mais dinheiro para a Caesb prosseguir as obras.

O diretor de Operações da Caesb confirmou também que todo o esgoto da Candangolândia próxima ao Núcleo Bandeirante, mais grande parte dos dejetos do Lago Sul, e Norte, é depositado diretamente no Paranoá, sem receber qualquer tratamento. Acrescentou ainda que os rejeitos do SIA, Guará I e II são igualmente despejados nas águas do Lago, mas ressaltou que recebem “tratamento primário” em lagoas de oxidação.

Pádua disse que, além da ampliação e reformulação do sistema, as obras incluem a construção de interceptores e de rede de esgotos, no Lago Norte e Sul, que até hoje não dispõem desse meio de coleta, e muito menos as residências possuem fossas assépticas, conforme estava previsto originalmente. Por isso, depositam o esgoto *in natura* no Paranoá. Feito isso, Pádua assegura que o Lago, por si só, se reabilitará.

PLANEJAMENTO

Com a ampliação da capacidade de tratamento, as duas estações conseguiram tratar o esgoto de uma população de até 900 mil pessoas. Mas Antônio de Pádua considera, porém, que todo o trabalho pode ser jogado fora, caso não seja definido um plano global do uso do solo no

Distrito Federal. Ele defende um planejamento estratégico para a ocupação da bacia do lago, em que os novos projetos urbanos sejam avaliados com a participação de todos os órgãos governamentais — o que, na sua opinião, não ocorre atualmente.

Lembrou que o antigo Plano Estrutural de Organização Territorial do Distrito Federal (PEOT) já preconizava a implantação de novos conjuntos habitacionais no eixo Taguatinga-Gama, portanto, fora da bacia do Paranoá. O estudo observa que neste eixo a oferta de água é mais fácil e há maiores alternativas para o escoamento de rede de esgotos. A seu ver, o PEOT não está sendo respeitado, uma vez que diversos projetos urbanos já foram implantados e existem outros previstos para o futuro próximo.

O diretor de Operações disse que a Caesb conclui este ano seu Plano Diretor de Água e Esgoto, que contou com a participação de técnicos de todas as áreas governamentais. O documento alinhará toda a estratégia da empresa estatal quanto a necessidade de fornecimento de água e destino dos esgotos, até o ano 2020. Mas Pádua observa que o documento deve ser necessariamente reavaliado anualmente. “Brasileiro pensa que planejamento é feito uma vez somente e pronto, acabou. Não é bem assim. Ele deve ser atualizado”, recomendou.